



Ação política comunista e movimento operário gaúcho (1927-1930)

Artur Duarte Peixoto¹

Resumo: Após alguns anos de situação problemática, em 1927 o Partido Comunista do Brasil (PCB) tem sua estrutura partidária organizada no Rio Grande do Sul. O abrandamento da perseguição policial sobre as organizações da classe trabalhadora contribuiu de maneira decisiva para a estruturação comunista no estado. Entretanto, tal cenário durou apenas alguns meses e, no mesmo ano, a repressão voltou a atingir os trabalhadores e suas associações, prejudicando novamente a atuação do Partido. Pretendo, com esta comunicação, examinar como repercutiu a ação política do PCB no movimento operário e sindical gaúcho, no final dos anos vinte.

Palavras-chave: PCB; comunistas; movimento operário.

Após alguns anos de situação problemática, em 1927 o Partido Comunista do Brasil (PCB) tem sua estrutura partidária organizada no Rio Grande do Sul. O abrandamento da perseguição policial sobre as organizações da classe trabalhadora contribuiu de maneira decisiva para a estruturação comunista no estado. Entretanto, tal cenário durou apenas alguns meses e, no mesmo ano, a repressão voltou a atingir os trabalhadores e suas associações, prejudicando novamente a atuação do Partido.

Paralelamente à estruturação partidária, os comunistas no Rio Grande do Sul estavam envolvidos em um processo de divergências internas que, juntamente com o retorno à ilegalidade, impediam o PCB de obter um crescimento sólido no estado. Este cenário começaria a mudar no início de 1929 quando, após a chegada de uma nova geração de militantes e a execução de um planejamento com vistas a obter maior atuação entre os sindicatos, um crescimento expressivo foi alcançado. Porém, esse avanço foi interrompido por uma onda de repressão policial instalada em 1930, meses antes do movimento de outubro, comandado por Getúlio Vargas. Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é verificar de maneira sucinta a repercussão da ação política do Partido Comunista do Brasil no movimento operário e sindical gaúcho².

A história do PCB no Rio Grande do Sul apresenta certo paradoxo: embora militantes oriundos do estado tenham desempenhado um papel importante na fundação do Partido, os comunistas não obtiveram aqui um crescimento satisfatório e não é sem motivo que apenas em 1927 o PCB conseguiu se organizar efetivamente.

Além da proibição do governo de existência legal, que é uma razão óbvia nesse sentido, outro fator impediu que o PCB obtivesse um crescimento mais expressivo da repercussão de sua ação política nas organizações da classe trabalhadora e do número de seus membros, principalmente até 1928: a presença dos anarquistas. Mesmo vivenciando um lento recuo no movimento operário e sindical gaúcho, entre 1927 e 1928 ainda exerciam um peso considerável nas organizações da classe trabalhadora. Essa influência era ainda mais expressiva em algumas cidades do interior que na capital, permitindo que os comunistas tivessem um espaço de desenvolvimento um pouco maior em Porto Alegre e com isso se consolidarem primeiro nessa cidade.

Sobre a dificuldade de crescimento do PCB, há ainda outro elemento a ser destacado: as divergências entre os próprios membros do Partido. As principais se referiam à forma como estava sendo conduzida a rota política comunista no Rio Grande do Sul pelo Comitê Regional, o que enfraquecia toda a estrutura partidária no estado e, em virtude desse problema, o Bloco Operário e Camponês (BOC)³ não conseguiu obter um desempenho satisfatório no ano em que foi lançado. Em relação ao BOC, também havia divergências, as quais giravam em torno de sua perspectiva eleitoral, assunto esse que não era uma questão plenamente resolvida no movimento comunista internacional e produzia debates extremamente acirrados sobre a validade da participação no parlamento “burguês”. Por isso ao invés de se priorizar a organização do BOC, que demonstrara no Rio de Janeiro ser promissor para o Partido, outro organismo obteve esse destaque: a Liga Pró-México Anti-imperialista.

Alguns dos problemas que o Partido enfrentava no Rio Grande do Sul começaram a ser amenizados apenas em julho de 1928, quando a Comissão Central Executiva interveio e mudou os integrantes do Comitê Regional do PCB e do BOC. Com essa reorganização na cúpula dirigente comunista estadual, ocorreu uma nítida reorientação em sua ação política, produzindo de imediato alguns efeitos positivos: o aumento do número de membros e a diminuição sensível das divergências internas.

Após essa reorganização, o PCB começou a por em prática um plano de ação para controlar mais sindicatos, o qual impulsionou a atuação do Partido no estado, consolidando-o

como uma das mais importantes forças políticas operárias, ao mesmo tempo em que toda uma nova geração de militantes passou a integrar as fileiras comunistas no Rio Grande do Sul.

Mas antes de tratar da ascensão comunista no movimento sindical, gostaria de abordar outra consequência da mudança no Comitê Regional do BOC e do PCB: uma delimitação mais contundente das diferenças que os separavam dos anarquistas. A semelhança com algumas ações dos libertários foi diminuindo e o discurso do Partido começou a criticar mais enfaticamente a antiga tradição sindical da ação direta, ou seja, os comunistas passaram a ver os anarquistas como reais adversários na luta pela hegemonia sobre o movimento operário e sindical, ao mesmo tempo em que tentavam consolidar essa visão entre trabalhadores sob sua influência.

Em relação à consolidação dos comunistas no terreno sindical, verificamos que ela começou a acontecer no início de 1929 com a elaboração de um plano de inserção nos sindicatos gaúchos, que previa uma ofensiva nas entidades, não só da capital, mas também do interior. Para isso, era necessário criar uma Confederação Regional do Trabalho e suas congêneres locais, além da fundação e reorganização de sindicatos à base de indústria ou de empresa. O plano também preconizava uma ofensiva com caráter político mais acentuado, com a expansão do BOC. Para colocar em prática esse planejamento foram enviados ao estado pela Comissão Central Executiva dois militantes, Plínio Mello e Hersch Schechter, cada qual com uma missão diferente: o primeiro seria responsável pela direção do BOC e o outro pela criação da CRT.

A presença destes dois militantes oxigenou o Comitê Regional do PCB e do BOC contribuindo para solidificar a organização comunista estadual. A repercussão da ação política do Partido na classe trabalhadora obteve um crescimento expressivo, com a criação e reorganização de vários sindicatos, na capital e no interior, e no campo político, com a consolidação do BOC e a criação das várias associações “auxiliares” do Partido, ascenso não presenciado até então.

O crescimento da repercussão da ação política dos comunistas no meio operário em 1929 foi favorecido pela conjuntura de carestia, pela falta de aplicação da legislação trabalhista e a retirada dos anarquistas do campo sindical.

Em 1929, o alto preço dos produtos de primeira necessidade, como carne, leite e pão, encareciam ainda mais seu já elevado custo de vida e somando-se a isso a não aplicação das leis sociais recém-aprovadas pelo governo federal, como a Lei de Férias, fazia com que o cenário fosse explosivo e, portanto, propício para a deflagração de muitas greves, como de fato ocorreu. Um contexto como esse de efervescência por parte dos trabalhadores tornava o

terreno fértil para a ação política dos comunistas, os quais cobravam melhores condições de vida e trabalho, a implementação efetiva da legislação trabalhista e de maneira geral procuravam apoiar os movimentos de reivindicação dos trabalhadores, mesmo porque isso combinava com as atividades de mobilização operária que o Partido vinha implementando e que foi acentuada nesse momento.

Além do cenário político e econômico mais geral favorável aos comunistas, estes estavam atuando cada vez mais sozinhos no terreno sindical em virtude do abandono do sindicalismo pelos anarquistas, já que os sindicatos não estavam atendendo às suas expectativas conforme avaliavam alguns dos principais líderes libertários. Com isso, o campo ficou praticamente livre para a intervenção dos comunistas, os quais conseguiram então obter o predomínio no movimento sindical gaúcho.

No entanto, com o crescimento da repercussão da atuação dos comunistas na dinâmica do movimento operário e sindical este panorama mudou. A intensificação da perspectiva política dessas ações, ao reivindicar a aplicação efetiva de direitos sociais e melhores condições de vida e trabalho para a classe trabalhadora, lançar candidatos próprios à eleição de 1930, disputar espaço tradicionalmente ocupado por inteiro pela elite política gaúcha, e negar apoio à Aliança Liberal de Getúlio Vargas, despertou nesta mesma elite uma preocupação muito grande. Os comunistas dessa forma estavam penetrando em uma esfera praticamente intocada por forças políticas operárias, o que traria graves consequências para os membros do PCB.

A preocupação da elite política gaúcha com os comunistas aumentou ainda mais após o discurso e as ações comandadas pelo PCB sofrerem um influxo à esquerda no final de 1929, intensificado a partir de janeiro do ano seguinte. Uma nova rota política foi implantada no Comitê Regional sob influência das diretrizes emanadas pelos organismos do movimento comunista internacional as quais vislumbravam uma conjuntura propensa a uma nova onda revolucionária mundial; por isso os partidos comunistas deveriam radicalizar seu discurso e suas ações vislumbrando participar desse movimento.

O resultado no Brasil da política do “terceiro período” e da chamada “proletarização” foi catastrófico. No Rio Grande do Sul, em particular, como vimos, os ecos dessa linha política esquerdista foram sentidos no caráter extremado que o tom do discurso comunista passou a ter, com referências explícitas em plena imprensa à posse de armas pelos operários e de uma tentativa de penetração entre militares do Exército e da Brigada Militar em Porto Alegre. Além disso, procurou-se intensificar a agitação operária de modo que a classe trabalhadora ficasse sob um estado de mobilização extrema.

Isso fez com que a tolerância da elite política gaúcha com os comunistas terminasse e, por consequência, uma violenta perseguição policial atingiu os membros do PCB. A repressão conseguiu desarticular toda a estrutura organizativa do Partido: vários militantes foram presos, enviados para fora do estado ou do país e muitos sofreram agressões físicas. O restante dos membros do Partido se amedrontou com a violência da polícia e se retraiu à vida privada. Depois de tudo isso, o PCB, o BOC e todas as associações comunistas desapareceram, deixando o campo aberto para investidas de outras forças operárias, espaço aproveitado pelos socialistas, reagrupados em torno do Partido Operário Nacional.

A perseguição e a violência policial romperam a não muito sólida relação do PCB com o movimento operário e sindical gaúcho, logo a repercussão da ação política dos comunistas na classe trabalhadora desapareceu por alguns anos. A relativa facilidade com que a repressão conseguiu desorganizar o PCB e principalmente cortar sua relação com os trabalhadores demonstra o frágil vínculo existente destes com os comunistas, pois embora os últimos tenham promovido movimentos com grande participação e repercussão, ao mesmo tempo não eram mobilizações de laços sólidos com a classe trabalhadora.

Procurei demonstrar que esses poucos anos foram fundamentais para a consolidação da organização do PCB no Rio Grande do Sul e para o crescimento de sua proposta entre os trabalhadores. Apesar da repressão do início de 1930 ter interrompido o crescimento do PCB e cortado as relações deste com o movimento operário e sindical, alguns anos depois as organizações operárias veriam novamente a ação política comunista repercutir, mas isto ultrapassa os limites deste texto.

¹ Licenciado em História, com especialização em História do Brasil, pela UFPel e mestre em História pela UFRGS.

² Para uma versão mais aprofundada sobre o assunto, consultar minha dissertação de mestrado *Da Organização à Frente Única: A Repercussão da Ação Política do Partido Comunista do Brasil no Movimento Operário Gaúcho (1927 - 1930)*, defendida no Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS, em 2006, sob a orientação da Prof^a. Dra. Silvia Regina Ferraz Petersen.

³ O BOC era uma frente única destinada a unificar trabalhadores urbanos e rurais em uma legenda eleitoral durante a clandestinidade dos comunistas.

Referências

BATALHA, Cláudio H. M. *O movimento operário na Primeira República*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

CARONE, Edgard. *Classes sociais e movimento operário*. São Paulo: Ed. Ática, 1989.

DEL ROIO, Marcos. *A classe operária na revolução burguesa: a política de alianças do PCB (1928-1935)*. Belo Horizonte: Oficina dos Livros, 1990.

- DULLES, John F. *Anarquistas e comunistas no Brasil (1900/1935)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.
- FORTES, Alexandre. *Nós do quarto distrito...: a classe trabalhadora porto-alegrense e a era Vargas*. Caxias do Sul, RS: Educus; Rio de Janeiro: Garamond, 2004.
- GOMES, Angela de Castro. *A invenção do trabalhismo*. 3 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.
- KAREPOVS, Dainis. *A esquerda e o parlamento no Brasil: o Bloco Operário e Camponês (1924-1930)*. São Paulo: USP, 2002. (Tese de doutorado em História).
- LONER, Beatriz Ana. *Construção de classe. Operários de Pelotas e Rio Grande (1888-1930)*. Ed. Universitária, Unitrabalho, 2001.
- PANDOLFI, Dulce. *Camaradas e companheiros: história e memória do PCB*. Rio de Janeiro, Relume-Dumará/Fundação Roberto Marinho, 1995.
- PEIXOTO, Artur Duarte. *Da Organização à Frente Única: A Repercussão da Ação Política do Partido Comunista do Brasil no Movimento Operário Gaúcho (1927-1930)*. Porto Alegre: UFRGS, 2006. (Dissertação de mestrado em História).
- PEREIRA, Astrogildo. *Ensaio histórico e políticos*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1979.
- PETERSEN, S. e LUCAS, E. *Antologia do movimento operário gaúcho*. Porto Alegre: EdUFRGS, 1992.
- PETERSEN, Silvia. *Da ação direta à disciplina do partido: percursos do movimento operário gaúcho nos anos 20*. Relatório de pesquisa para o CNPq. Porto Alegre. mimeo. (inédito), 2000.
- SILVA, Angelo José. *Comunistas e trotskistas: a crítica operária à Revolução de 1930*. Curitiba: Moinho do Verbo, 2002.